

Livro Um

AMIGAS À FORÇA

Era uma vez duas amigas que... não o são (amigas)

Achava que aos 15 anos já ia saber tudo. Quer dizer, os meus pais dizem que estás sempre a aprender, mas sabes quando achas que já sabes tudo? Pelo menos acerca das pessoas com quem te dás? Achei que a Catarina estaria diferente. Mas não está. Nem é que esteja igual, está mesmo pior. Ainda por cima é um ano mais velha que eu, devia estar a melhorar como pessoa. Sempre achei que os adultos não tinham problemas, não tinham amigos que afinal não são... amigos. Amigas que são tudo menos amigas. Também achei que a Catarina já não se iria fazer a todos os rapazes. Nem ao Gonçalo.

Bom, o Gonçalo não sabe que eu gosto dele. Aliás, nem a Catarina sabe. E ela não se fez a ele. Mas vai fazer-se. Porque é giro e... é o Gonçalo. A Catarina sempre se fez aos mais giros. E aos menos também. A Inês vai dizer: «Margarida, estás a exagerar!», mas desta vez ela vai ver que tenho razão.

A Margarida é alta e magra — muito magra — mas nada feia. Não se tem em grande conta, mas, na verdade, até é

gira. Não uma beleza de parar o trânsito, mas gira. Cabelos castanho-claros, assim para o dourado, e olhos esverdeados. É talvez demasiado magra, mas sabe (ou espera) que o corpo (e as maminhas) de mulher há de (hão de) chegar, mais cedo ou mais tarde.

A melhor amiga da Margarida é a Inês. Melhor amiga verdadeira, ou seja, escolhida pela Margarida. Não é como a Catarina, que é uma amiga por obrigação. O que é isso? Uma chatice, é o que é. É uma melga que não se pode matar. Nem enxotar com um tabefe para cair atordoada. E depois pisa-se, se se puder. E nunca mais pica ninguém. Só que esta melga pica e pica e suga o sangue e depois pica os outros e a seguir pavoneia-se, vaidosa e convencida. E a Margarida tem de levar com ela. Pelo menos é assim que ela vê as coisas. A Catarina é filha de uns amigos dos pais e as duas conhecem-se desde sempre.

A Catarina tinha quase um ano quando a Margarida nasceu. Portanto, na altura, foram impostas uma à outra.

«Vai lá brincar com a Catarina», diziam-lhe os pais. «Este fim de semana vamos para fora e tu vais ficar em casa da Catarina.» «Porque é que estás enfiada em casa? Vai desanuviar. Porque é que não ligas à tua amiga Catarina?» Porque ela *NÃO É MINHA AMIGA!* Assim pensa a Margarida, de há uns anos para cá. O Miguel, irmão mais velho, diz que também não tem paciência para ela (a Catarina), mas quando eram pequenos eles andaram, que a Margarida sabe. Não deram beijinhos na boca nem nada disso, mas... digamos que a Margarida ainda não decidiu se acredita nele em relação a isso. *É que é esse o problema. Toda a gente gosta da Catarina.* Pelo menos, é o que a Margarida acredita.

«Chama-me Kat», diz ela. «Nunca me trataas por Kat!»
POIS NÃO. PORQUE O TEU NOME É CATARINA! Bolas, que ela é mesmo uma m...

— Margariida!!!

— Sim, mãe?

— Vai pôr a mesa!!!

Agora? Porque é que não vai o Miguel? Não, claro, deve estar ocupado a jogar computador, coitadinho. E ela, absorvida nos seus pensamentos, muito mais importantes e profundos do que explosões e jogos inúteis, é que tem de parar o que está a fazer para pôr a mesa. Está farta. Vai dizer que não. Que pôs a mesa ontem e que depois do jantar o Miguel pisgou-se e acabou por ser ela a pôr a loiça na máquina. Está mal. É isso mesmo, Margarida. Já chega de guardares tudo para ti. É a Revolução Margaridal. Vou dizer que não, que estou ocupada, que não posso pôr a mesa. Sempre a mesma m...

— Margarida! Ouviste a mãe?

— Vou já...

A mãe não tem culpa de que o Miguel seja preguiçoso. Ou tem, porque devia chamá-lo, mas a Margarida não está com vontade de a chatear com isso. Tem mais com que se preocupar. E também não lhe custa assim taaaaanto pôr a mesa. Na verdade, a Margarida é uma fixe.

Mas onde é que ela estava? Ah, sim, a Catarina. A Catarina já tem uma beleza diferente, mais generosa. E esta generosidade não foi apenas para a beleza. As cores, as curvas... A Catarina é o que se chama uma «boazona». É isso mesmo. Proporcionada, já mais mulher que miúda. Muito

gira, loira, olhos azul-turquesa, vivos. Ela, sim, já faz parar o trânsito. Segura de si (pelo menos assim aparenta) e moderna, sempre a par da última moda. Não é mais alta do que a Margarida, mas, como está sempre de saltos, parece realmente alta.

Ela acha que, lá porque se conhecem desde que nasceram, são amigas para sempre. Sim, deram-se em miúdas, claro. Partilhar bonecas e brincadeiras inocentes até é fácil. Na verdade, eram quase irmãs, e a Margarida até gostava disso, já que é a única rapariga lá de casa. Mas depois cresceram e não era a mesma coisa. Nem mesmo à distância.

Desta vez decidiu dizer-lhe tudo e está determinada. A Catarina veio a Portugal e, como sempre, ligou-lhe.

— Olá, já cá estou. Vamos lanchar? Estou cheia de saudades das pastelarias portuguesas. E tenho uma cena brutal para te contar! Surpresa!

— ‘Bora — respondeu a Margarida.

Também eu, pensou. Vou dizer-lhe das boas. Não gosto de ti, não somos amigas e estou farta de ter de lanchar contigo lá porque vens a Portugal duas vezes por ano. Não quero fingir mais, não tenho de fazer sacrifícios. Não temos nada a ver uma com a outra e os nossos caminhos separaram-se há muito tempo. Aliás, por mim já não me dava contigo mesmo antes de teres ido para Londres. Só que achei que a distância ia finalmente separar-nos e não seria necessário ter esta conversa. Mas, pelos vistos, não percebeste, daí estar a explicar-te. Também não te disse mais cedo porque era chato para os nossos pais.

A Margarida está ansiosa e cheia de coragem. Vai dizer-lhe que não quer ter tantos namorados como ela, nem as

maminhas grandes que ela tem. Que não quer ter as melhores notas, mesmo em Londres, onde é muito mais difícil ter boas notas. QUE NÃO GOSTA DELA! Sim, vai dizer-lhe mesmo com maiúsculas!

Chega o dia do lanche. O plano está montado. A Margarida deixa a conta certa do pão de leite em cima da mesa para nem ter de esperar pelo troco e poder bazar logo a seguir a largar a bomba da verdade. Diz tudo e tchauzinho, que tenho mais que fazer. Ensaçou tantas vezes o discurso que está cheia de vontade de finalmente poder praticá-lo na cara da amiga-que-na-verdade-é-e-será-oficialmente-ex-amiga.

Mas, mal a Catarina chega, começa a falar (nada de novo até aqui), entre dentadas esfomeadas a um pastel de nata seguido de um folhado de salsicha (nada de novo até aqui) e, como sempre, nunca mais se cala (nada de...). Não está a ser fácil. A Margarida aproveita enquanto ela bebe um gole de água (*Quem é que pede água com gás?! Por favor!*) para se chegar à frente.

— Catarina, agora falo eu.

Claro que é a única frase que consegue dizer, já que a tagarela não se cala.

— Ainda não te contei a grande novidade!

A verdadeira (e única) bomba daquele encontro.

— Estás a gozar! — é a reação da Margarida, que começa a transpirar. — Não estás?

— Não é lindo?

— Mas porquê?

— Porquê o quê? O meu pai já andava há anos a pedir transcrição para voltar para Portugal, e finalmente conseguiu.

Margarida fica sem reação.

— E adivinha qual é o liceu onde vou estudar!

— Sei lá, aquele cor-de-rosa ao lado da vossa casa cá em...

A Catarina interrompe, imitando uma campainha daquelas de concurso, em sinal de resposta errada.

Que irritante!

— Vou para o teu! Já estou inscrita — diz ela desfazendo-se em sorrisos.

— Mas se tu moras em Sete Rios, como é que vais parar ao meu liceu? Tem de ser por zonas, não é?

— Dei a tua morada.

— Mas isso é fraude, não podes dar a minha morada.

— Posso, se a tua mãe for a minha encarregada de educação.

— Mas...ela...não...é...

— A minha mãe falou com a tua, é na boa, foi só para o papel. Quer dizer, e tem de ser ela a assinar as autorizações que vêm da escola, mas a tua mãe é fixe. Não foi genial? Como se fôssemos irmãs, amiga!

Não somos irmãs nem somos amigas! E não acredito que a minha mãe... Espera!

— E vais ter aulas de manhã ou de tarde?

Escolho o turno oposto, quero lá saber se fico de tarde, atuar esta todos os dias é que nem pensar. Ela não ia ficar em Londres para sempre? Não acredito no que me está a acontecer!

— Estou na tua turma — responde a Catarina, como se fosse um motivo de orgulho.

A Margarida consegue finalmente sorrir. É impossível elas estarem na mesma turma, a Catarina é (quase) um ano mais velha.

— Essa é a melhor parte! — continua a «emigra» recém-chegada.

Se essa é a melhor parte, vou ali cortar os pulsos e já venho.

— É que, como já não estou habituada a ler em português, os meus pais acharam melhor eu repetir o ano.

Vou ali ao balcão, peço uma faca afiada, posso dizer que é para cortar o pão de leite, e...

— As disciplinas em Londres são muito mais difíceis do que cá, mas também é da maneira que mudo de área. Lá eu estava em Economics... Como é que se diz em português?

Vou à casa de banho, lavo bem a faca — para não causar infeções — digo 1, 2, 3... e zás, corto os pulsos.

— Economia, é isso!

Uma sangria... o lavatório cheio de sangue. Ah, espera. Depois é chato para quem tem de limpar... Se calhar é melhor atirar-me pela janela.

— E assim experimento Humanidades, quero fazer algo de destaque, sabes? Importante para o mundo.

— Desculpa, agora perdi-me. Vais para Humanidades para destacar o quê?

— Quero ser uma jornalista no terreno e fazer reportagens daquelas que alertam as pessoas para as necessidades dos outros, e se calhar até fazer investigação e...

— Desculpa, Catarina, mas pensei que não vias novelas, que não gostavas dessas cenas — ironiza a Margarida. A Catarina pode ser muita coisa, mas tontinha é novidade.

— Parva!

E chama-me, a mim, Margarida Oliveira dos Santos Fininho, parva?!

— A conta, se faz favor — pede ao empregado. Que está babado a olhar para quem?

Grrrrr...